



A PAISAGEM NO DESENHO DE CRIANÇAS DE UMA ESCOLA RURAL

Camilla Carpanezi La Pastina. UTP

RESUMO: O artigo traz reflexões sobre o desenho de paisagem realizado por crianças moradoras do meio rural. Buscou-se observar se a paisagem ao redor interfere na representação gráfica da criança. Foram coletados desenhos de crianças de 8 a 10 anos de uma escola rural do município da Lapa, PR. Encontramos certas particularidades nos trabalhos: elementos repetidos entre os alunos, uma geometrização *naif* em alguns momentos, a persistência de um desenho muito antigo repetido há várias gerações. Porém, a paisagem foi composta na maior parte das vezes por esquemas gráficos que sintetizam o conceito geral de uma paisagem qualquer. Wilson (1982, 1997) explica que a nossa percepção visual diária não é facilmente convertida em programas de desenho. Assim, se a paisagem do entorno dificilmente aparece nos desenhos das crianças da escola rural, tal fato deve-se à natureza da percepção e da memória.

Palavras-chave: Paisagem. Desenho infantil. Escola rural.

ABSTRACT: *The article reflects on the landscape drawings done by children living in rural areas. We attempted to observe the scenery around interferes with the graphical representation of the child. Were collected drawings of children 8-10 years of a rural school in Lapa, PR. We found certain peculiarities in the work: repeated elements among the students, a geometrization naive at times, the persistence of a very old drawing repeated for several generations. However, the landscape has been made in most cases by graphic diagrams which summarize the general concept of a landscape whatsoever. Wilson (1982, 1997) explains that our everyday visual perception is not easily converted into drawing programs. Thus, if the surrounding landscape hardly appears in the drawings of the children of the rural school, this fact is due to the nature of perception and memory.*

Key words: *Landscape. Children's drawing. Rural school.*

Há alguns anos tive contato com desenhos de crianças de regiões rurais próximas à cidade da Lapa –PR (pequena cidade histórica distante 70 quilômetros de Curitiba-PR). Eram desenhos que traziam elementos do campo: caminhões, fazendas, sítios, bois, pássaros, etc. Meus alunos da Faculdade da Lapa, vendo meu interesse, continuaram a trazer desenhos de seus filhos, sobrinhos, e de seus próprios alunos. Esses desenhos traziam para mim um frescor, algo tão diferente da minha realidade urbana... Traziam também várias dúvidas: então a criança do meio rural representa em

seus desenhos o lugar onde vive? Como? E porque as crianças do meio urbano não desenham prédios, carros, avenidas? Como a criança apreende as imagens à sua volta e as transpõem para seus desenhos? Assim realizamos uma pesquisa com crianças de 8 a 10 anos, moradoras do meio urbano e do meio rural. Neste artigo fazemos um recorte e aprofundamos questões relativas à escola rural (Escola Rural Municipal Dr. Aloísio Leoni, Lapa- PR) pensando o papel da paisagem no desenho da criança.

A paisagem rural

O termo “paisagem” surge no Renascimento imbuído de um pensamento de racionalização e organização do espaço natural. Nesta época, “o espaço terrestre estava sendo mapeado racionalmente nas quadrículas de sofisticadas projeções de mapas, enquanto paisagens humanas racionais estavam sendo construídas nas capitais [...] e sobre a vastidão de territórios coloniais além-mar” (COSCROVE, 1998, p. 98-99). A pintura de paisagem, que no Renascimento existia apenas como fundo de uma figura, passa a ocupar cada vez mais espaço. Pouco a pouco os artistas voltam seu olhar para a paisagem, que culmina no Romantismo. A popularização da pintura de paisagem segue historicamente e é curioso destacar que as duas casas visitadas nesta pesquisa possuíam ao menos um quadro de paisagem.

Ao longo do tempo o conceito de paisagem também foi sofrendo alterações. Gerhard Hard (apud GOMES, 2001) compilou-os em quatro grandes conjuntos. Paisagem, portanto, pode significar:

1. O que se vê.
2. Ecossistemas que envolvem relevo, clima, solo e vegetação.
3. Espaço natural.
4. Paisagem cultural.

Aqui nos interessa o primeiro conceito: paisagem como o que se vê, ou seja, o aspecto físico/visual da paisagem. Segundo Luquet "O repertório gráfico da criança, assim como sua experiência visual, está condicionado pelo meio onde ela vive" (1969,

p. 23). As imagens a seguir, tiradas do entorno das escolas visitadas nesta pesquisa, podem dar uma ideia do aspecto visual encontrado pelas crianças diariamente.



Fotos tomadas nas redondezas das escolas visitadas.

A região rural da Lapa tem uma paisagem ocupada por pequenas e médias propriedades que vivem da agricultura em maior ou menor escala. Muitas pessoas também trabalham na cidade. A paisagem do setor que visitei (distrito Alves Cardosos) é caracterizada por áreas planas, vistas panorâmicas, plantações e pastos, não existem relevos muito acidentados. A presença de animais (bois, ovelhas, galinhas...) é constante. Os pinheiros do Paraná (araucária) são árvores de grande porte que se destacam em meio à paisagem.

Meio rural e urbano no Brasil

É pelo processo de industrialização e urbanização que se diferencia o meio urbano e meio rural (porque só existe o “rural” se existe o “urbano”). Em cidades muito pobres ou muito pequenas, a diferenciação urbano-rural é quase imperceptível (QUEIROZ, 1978).

No Brasil, até o século XIX, as pessoas habitavam mais o campo que a cidade. Segundo Queiroz (1978), houve duas mudanças importantes relacionadas ao modo de viver no Brasil. A primeira delas ocorreu entre 1820 e 1830, quando se instalou no Rio de Janeiro, vindo da Europa, “o gênero de vida burguês ocidental, que é eminentemente citadino” (QUEIROZ, 1978, p. 57). Não havia, portanto, uma verdadeira

industrialização responsável pelo crescimento das cidades, mas começou a difundir-se o modo de viver na cidade quando ricos fazendeiros mudaram suas residências do campo para a cidade. É neste momento que os habitantes da cidade começam a se sentir superiores em relação aos do campo, mesmo que estes últimos tenham um nível econômico maior. O campo passou a ser visto como um local atrasado, inferior.

A segunda mudança determinante relacionada ao modo de viver no Brasil ocorre a partir da década de 1940, quando inicia-se o processo de industrialização e o conseqüente crescimento das cidades. O abastecimento agora já não é suprido por pequenos agricultores, mas por grandes fazendas capazes de fornecer abastecimento maciço, que utilizam maquinário moderno e que estão geralmente distantes das cidades que abastecem. Assim, todo o entorno rural imediato de uma grande cidade tende a entrar em estagnação ou decadência, e seus moradores se veem obrigados a procurar novas formas de sobreviver, mudando o ramo de suas atividades. Segundo Serpa (2002), nas últimas décadas vem ocorrendo um acentuado processo de urbanização no Brasil, e as periferias estão submetidas à transformação de áreas rurais em áreas urbanas.

Realidade concreta, realidade ilustrada

Gomes (2002) considera que a criança do meio urbano tem mais contato com reproduções da mídia do que com as coisas em si:

Salvo as exceções afastadas dos grandes e médios centros urbanos, uma criança pequena vê muito mais as reproduções da mídia visual do que as coisas em si. Vê sóis, luas e estrelas desenhados, mas pouco olha para o céu. Vê reproduções de animais, de vegetação, de cidades, de pessoas, coisas que aprende a olhar pelo mundo quadrado do monitor de televisão ou pelas páginas dos livros, mas poucas vezes é estimulada ou possui a oportunidade de ver as coisas com seus próprios olhos, experimentando os elementos naturais em seu estado bruto (GOMES, 2002, p. 38).

Uma colocação muito semelhante é feita por Wilson e Wilson: “Provavelmente, a primeira experiência visual da criança com cavalo ou vaca ou até mesmo com cachorrinho e gatinho é através de ilustrações - desenhos e fotografias em livros ilustrados e revistas ou imagens da televisão” (WILSON e WILSON, 1982, p. 64,

tradução nossa). Os autores destacam, ainda, que as influências gráficas estão presentes mesmo antes da criança começar a rabiscar. Essa colocação, porém, parecia referir-se a um meio urbano e poderia ser diferente no meio rural, onde o contato com animais é maior. Decorrente desse pensamento, surgiu a questão: será que a criança com menos informações visuais bidimensionais, ao desenhar, tomaria como referências visuais os elementos tridimensionais presentes na paisagem?

Primeiras aproximações com a paisagem ao redor...

Antes da pesquisa propriamente dita, realizei várias atividades e em diferentes escolas rurais da região: desenhos dirigidos, desenhos livres, desenho com inspiração em artistas, desenho de observação da paisagem.

A experiência do desenho de paisagem foi muito reveladora. Levei as crianças para desenhar ao ar livre, em um grande gramado ao lado da escola. Era um ponto alto e tínhamos uma vista de 360 graus, de um lado havia uma mata e do outro um amplo horizonte com pequenas elevações ao longe. As crianças encontraram extrema dificuldade na realização do exercício, ficaram completamente perdidas, sem saber o que fazer ou pra onde olhar. Por fim encontraram uma estratégia para solucionar o problema: começaram a utilizar esquemas gráficos. Esquema gráfico é termo utilizado por Duarte (1995) que define um conjunto de desenhos repetitivos e generalizante. "Casa, sol, nuvens, árvores, montanhas, passarinhos, lagos, mares e rios, são representações gráficas que se repetem nos desenhos infantis. Estes esquemas aparecem grafados de modo quase invariável, isto é, com uma configuração praticamente idêntica, como recursos gráficos nos desenhos de todas as crianças principalmente a partir dos sete, oito anos de idade." (DUARTE, 1995, p. 2). Ou seja, diante da complexidade de árvores e montanhas nunca antes desenhadas, as crianças desenharam o esquema gráfico destes elementos. Uma menina simplesmente não sabia o que fazer, eu dizia para observar algo, dava sugestões, procurava uma árvore isolada da mata, tentando simplificar a tarefa. Por fim ela olhou pra cima e disse: *eu vejo o sol, posso fazer o sol?* E desenhou um esquema gráfico de sol, ou seja, um círculo com raios. Esta breve experiência já colocou em cheque todas as minhas ideias iniciais da pesquisa, pois supunha, com base nos desenhos que havia visto

inicialmente, que as crianças moradoras do meio rural tinham maior facilidade para desenhar elementos da paisagem e fariam menor uso de esquemas gráficos.

Outra atividade realizada tinha por objetivo verificar a percepção da paisagem pela criança, mas seria realizada dentro da sala de aula. Foi realizada inicialmente na escola rural e consistiu previamente em uma conversa sobre o lugar em que vivem. Perguntamos às crianças se elas gostavam de morar ali, o que tinha de bom e de ruim, que animais existiam na região... A discussão corria de forma interessante, com bastante participação dos alunos, como ponto negativo citavam a distância dos serviços de saúde. Perguntei se aparecesse alguém importante pelas redondezas, onde iriam levar aquela pessoa passear? Esperava detectar assim a existência de algum ponto da região de maior interesse como uma montanha, uma cachoeira ou uma gruta, por exemplo. Num infeliz impulso, fazendo graça, citei um jogador famoso de futebol, e a resposta foi então que o levariam ao campo de futebol! Enquanto as crianças falavam, eu anotava no quadro os pontos principais destacados. Ao final pedi que fizessem um desenho sobre algum dos aspectos comentados, esperando que assim, as crianças fossem desenhar o que havia de mais relevante na paisagem. Mas o que aconteceu na realidade foi que as crianças selecionaram o desenho mais simples dentre as opções alistadas. Surgiram vários desenhos de campos de futebol, representados como um simples retângulo e mais algumas linhas, e várias paisagens com esquemas gráficos usuais. Concluímos então, que a criança pode refletir sobre muitas coisas, mas desenha o que é mais fácil, o que já está processado em sua memória visual ou procedural. O desenho será realizado da forma mais simples permitida pela situação.

Tendo percebido isso, no teste piloto na escola urbana, procuramos propor a atividade de modo diferente: "desenhe o lugar onde você vive". Diante da dúvida das crianças, acrescentamos umas poucas informações: pode ser a cidade, o bairro, pode fazer um mapa como se estivesse do alto. Pode ser a casa? - perguntaram. Respondemos que sim. Surgiram mapas e desenhos detalhados com indicações da paisagem ao redor: ruas, prédios, placas, locais marcados como igreja ou mercado.

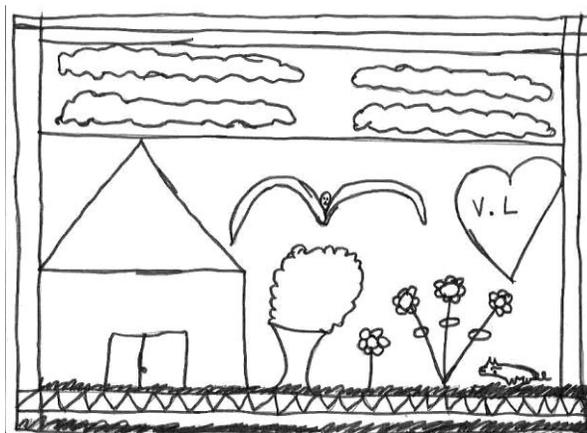
Assim avistamos a possibilidade de existência de dois tipos de desenho de paisagem: uma "paisagem geral" e uma "paisagem específica". A paisagem que

denominamos geral é composta basicamente por esquemas gráficos repetitivos, sintetizando o conceito geral de uma paisagem qualquer, representada geralmente por árvores, sol, nuvens, montanhas, casa. Já a paisagem específica traz elementos particulares de determinado local, não é mais o desenho de uma casa qualquer, mas da casa de fulano. Porém, é importante observar que também nas paisagens específicas as construções são realizadas com esquemas gráficos, mas eles possuem uma maior flexibilidade e variação, eles são modificados em função do que se quer retratar.

Os desenhos de paisagem coletados- que paisagem é esta?

A pesquisa consistiu na coleta de desenhos livre. Fiz quatro visitas à escola, as crianças poderiam fazer quantos desenhos desejassem. Posteriormente dividi os desenhos em temas (paisagem, veículos, personagens...). Paisagem foi o tema mais desenhado, tanto por meninos quanto por meninas. Mas que paisagem é esta?

Confirmando o que já havia sido visto nos testes iniciais, as paisagens geralmente foram configuradas através de esquemas gráficos repetitivos como árvore, casa, nuvem, sol, entre outros. A paisagem desenhada não traz consistentemente elementos da paisagem habitada, ou seja, é antes determinada por um automatismo gráfico do que pela transposição de elementos reais. Figuras humanas praticamente não existiam nessas paisagens, as crianças relatavam ser muito difícil desenhá-las.



Exemplo de uma paisagem. Desenho de menina, 8 anos.
Observe-se o “porquinho do Chaves” à direita.

A referência a uma paisagem específica (não generalizante) surge pouquíssimas vezes de forma espontânea, apenas dois meninos desenharam desta maneira. Curiosamente, em ambos os casos, o desenho foi sobre um passeio realizado em outra paisagem que não a habitual. Isso nos leva a pensar sobre “o olhar do estrangeiro”. O que nos é habitual sofre uma certa anestesia do olhar. Já o estrangeiro percebe coisas que não percebemos, de um outro ponto de vista.

Voltemos às nossas perguntas iniciais: Qual o papel da paisagem no desenho? Ao desenhar lembramos dos objetos ao nosso redor? Como as crianças apreendem as imagens a sua volta e as transpõem para os desenhos? Neste momento da pesquisa a pergunta que se impunha era outra: por que as crianças utilizam um simples esquema gráfico de árvore se estão em meio à natureza, diante de uma variedade enorme de árvores? Quem responde essas perguntas são Brent e Marjorie Wilson. “Pensamos que a resposta reside na natureza da percepção e no fato de que os programas que usamos para as tarefas diárias de viver no mundo não são facilmente convertidos em programas para a produção de desenhos.” (WILSON e WILSON, 1997, p. 65). As percepções diárias nos fornecem imagens vagas, complexas, tridimensionais e em movimento:

O que conhecemos sobre a figura humana, por exemplo, vem da nossa atual percepção da figura humana junto com, literalmente, milhões de percepções anteriores desta figura captadas em inúmeras posições [...] e em formas incontáveis [...]. Está obviamente acima de nossas habilidades de memória a recordação de todas as nossas lembranças a respeito da figura humana, e nem estas lembranças são muito específicas. Frequentemente elas são meramente generalizadas [...] (WILSON e WILSON, 1997, p. 65/66).

Vianna (2010) também observa esse fato e encontra respostas em Wilson. A autora pergunta: “por quê, quando se pede para desenhar uma flor, ninguém se lembra de representar nenhuma das flores que se tem na natureza e que estão, muitas vezes [...] ao alcance dos olhos?” (VIANNA, 2010, p. 114).

Outra resposta pode ser encontrada em Darras (1996, 2003). O autor explica que o modo como se solicita um desenho determina seu resultado. Ora, ao solicitarmos um desenho livre, na maior parte das vezes o que surge é o desenho automatizado. Sem proposta específica a criança tende a repetir o esquema gráfico por ser o que demanda

menor esforço cognitivo. Portanto, podemos concluir que a presença maciça de paisagens compostas por esquemas gráficos é também o resultado da solicitação por um desenho livre. Observa-se ainda que o desenho de paisagem é um desenho muito comum, aceito socialmente, o que demonstra a aprendizagem social do desenho.

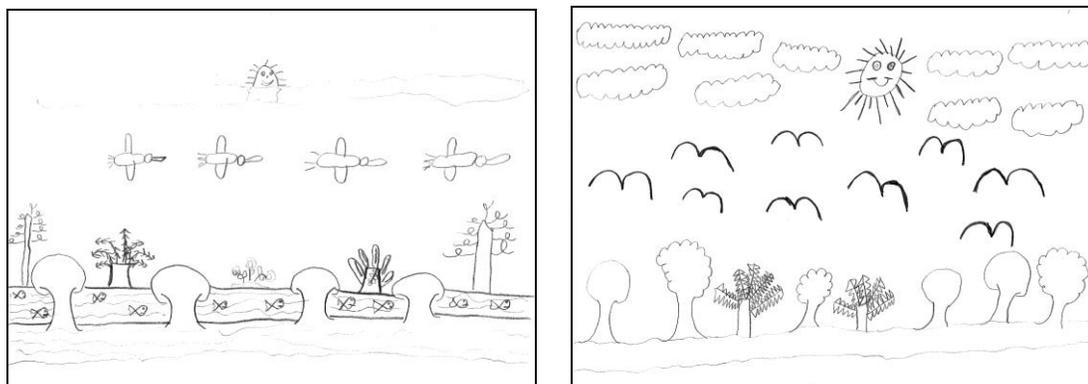
Os desenhos destas crianças diversas vezes faziam referências ao seu meio. Cercas com animais, o barracão da igreja, muitas estradas e caminhões... Mas é curioso observar que estas referências nem sempre derivam da observação ou da memória visual. Cito como exemplo a representação gráfica de um animal bastante comum na região- o porco. Quando perguntei por que várias crianças desenhavam o porco da mesma maneira, os alunos me disseram que era “o porquinho do Chaves”. Explicaram que em determinado episódio, o personagem Chaves do programa de televisão, ensina como desenhar um porco composto por várias letras: 'E' para o focinho, 'M' para as orelhas, duas letras 'W' para as patas e um 'e' manuscrito minúsculo para o rabo.

A geografia do desenho infantil: características observadas na região

Uma característica dos desenhos da escola rural é que não tem uma diferenciação tão marcada em relação ao gênero (desenho de menino x desenho de menina).

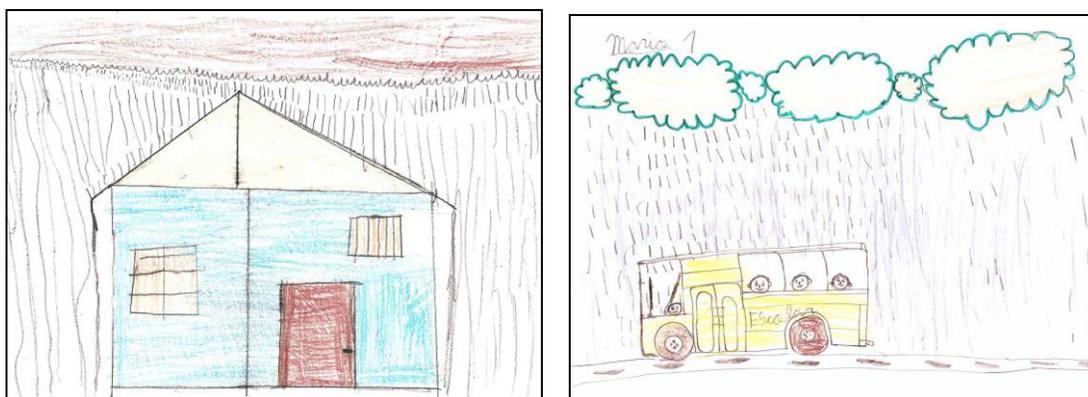
Desenhos contendo a presença de estradas e caminhões foram observados tanto na Escola Rural Alúcio Leoni quanto na Escola Rural Irmã Santa Rita, na qual realizamos o pré-teste.

Uma característica interessante, e que mereceria um estudo aprofundado, diz respeito à composição e organização espacial. Muitos desenhos apresentam uma rigorosa organização geométrica, com simetria e repetição de elementos, lembrando o estilo de pintura *naif*.



Desenho de menino e de menina. Observe-se também aqui as diferentes representações de árvores.

Encontramos também alguns desenhos com a presença da chuva. O que significa a chuva para o morador do campo? Alegria e tristeza, pois da chuva depende a plantação, chuva demais ou de menos impede a plantação de prosperar. A chuva também interfere no cotidiano escolar, pois se chove muito não há aula. Importante mencionar que durante a pesquisa algumas vezes o ônibus atolou e o medo da chuva era constante, pois quando chove não há como passar algumas pontes.



Desenhos de meninos.

Um estilo diferenciado de árvores também chamou nossa atenção, algo semelhante a uma antena ou uma forma vegetal bastante geometrizada. A forma de antena foi encontrada em desenhos de várias crianças da turma. Motivada pela curiosidade, perguntei à classe o que significava aquela forma. A resposta predominante foi “árvore”, mas alguns meninos a identificaram como “antena”.



Desenho de menino.

Uma aluna afirmou copiar o elemento, mas não saber o que ele significa:

Aluna: *Esse daqui (aponta a forma) eu nem sei o que é...*

Pesquisadora: *Você não sabe o que é?*

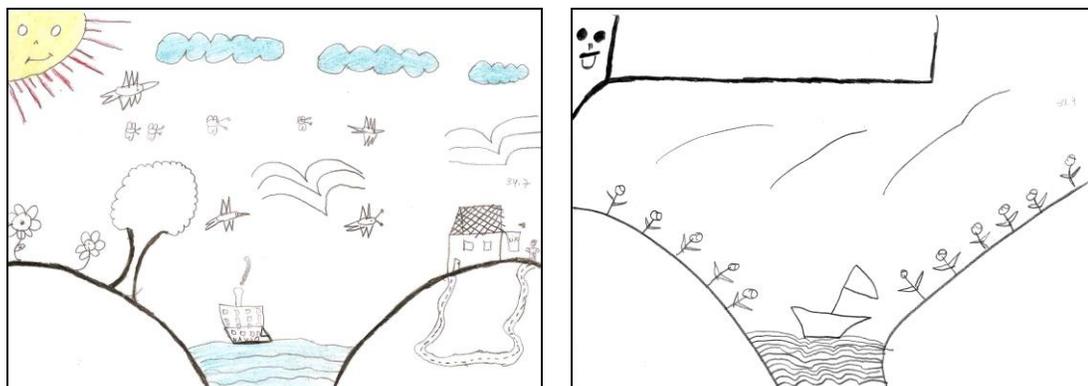
Aline: *Eu copieei...*

Pesquisadora: *Eu ia perguntar isso... porque tem bastante gente na turma que faz esse desenho. O que você acha que é?*

Aline: *Eu não sei.*

Este fato mostra a aprendizagem do desenho pelo meio social, revela como a criança dessa idade busca se apropriar dos modelos de desenho existentes em seu grupo, mesmo que não compreenda o seu significado. Assim, um desenho pode se difundir por uma sala de aula, escola ou região, e esse modo de desenhar pode sobreviver por muito tempo. Cox explica que em determinadas regiões, as crianças podem adotar um estilo de desenho por várias gerações. "Algumas crianças podem manter e desenvolver seu estilo com pouca influência de outras crianças; outras, ao contrário, talvez copiem o modo como outras desenhavam. Essa influência pode se propagar por uma sala de aula ou se tornar ainda mais ampla, de modo que um estilo local se torne perceptível." (COX, 1995, p. 67).

Porém, o que mais nos impressionou foi encontrar no campo um desenho "extinto" da cidade. Trata-se de um desenho de paisagem com uma espécie de vale, configurado com a folha na posição horizontal, duas montanhas laterais e um navio sobre uma porção de água ao centro. Até onde se pode localizar, a região da escola não apresenta paisagem semelhante em suas proximidades, portanto este desenho não parece ser oriundo da observação do relevo local



Desenhos de meninos.

Lembro que este era um desenho bastante comum na minha infância, porém nunca mais havia visto nada semelhante. Inúmeras perguntas decorrem: Como esse desenho desapareceu do meio urbano e se manteve intacto em uma região rural? Há quanto tempo vem sendo repetido? Seria possível localizar sua origem? Ou como colocam Wilson e Wilson (1982) acerca dos "desenhos desaparecidos": *de onde eles vieram e para onde eles foram?*

Um dia, observando os desenhos da coleção de Mário de Andrade, catalogados por Coutinho (2002) encontrei algumas composições muito parecidas. Os desenhos foram realizados em 1937, e guardam semelhanças com estes realizados 70 anos depois pelos alunos da Escola Aloísio Leoni. São desenhos efetivamente antigos que sobrevivem por décadas neste meio rural. Os desenhos da década de 30, além das montanhas e da embarcação, trazem esquemas gráficos de casa, sol e árvore que são muito semelhantes aos encontrados atualmente. São esquemas já solidificados em nossa cultura, repetidos através de gerações.

Considerações finais

Este artigo investigou o desenho de crianças de 8 a 10 anos pertencentes a uma escola rural próxima à cidade da Lapa - PR. Buscava-se observar como a paisagem interfere no desenho da criança, esperava-se encontrar nos desenhos uma menor presença de esquemas gráficos repetitivos. Imaginava-se que a memória visual teria aqui um papel maior no momento de desenhar devido ao fato das crianças habitarem uma paisagem com mais elementos naturais se comparados à paisagem urbana.

Frente à solicitação de desenhos livres, a paisagem foi o tema de desenho mais realizado. Porém, a paisagem desenhada poucas vezes trouxe elementos da paisagem real habitada. A paisagem foi composta basicamente por esquemas gráficos, sintetizando o conceito geral de uma paisagem qualquer, representada geralmente por árvores, sol, nuvens, montanhas, casa. Alguns desenhos trouxeram referências do ambiente, como estradas, caminhos e animais do campo, por exemplo.

Wilson (1982, 1997) explica que a nossa percepção visual diária não é facilmente convertida em programas de desenho. As percepções diárias são por demais complexas e estão acima de nossa capacidade de memória. Por isso ao desenhar é mais fácil recordar-se de outros desenhos, de imagens bidimensionais. Se a paisagem do entorno não aparece nos desenhos das crianças da escola rural, tal fato deve-se então à natureza da percepção e da memória.

REFERÊNCIAS

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, R.L.; ROSENDHAL, Z. (orgs). **Paisagem, tempo e cultura**. EDUERJ: Rio de Janeiro, 1998.

COSTA, M. H. F. **O mundo dos Meniháku e suas representações visuais**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1988.

COUTINHO, R. G. **A coleção de desenhos infantis do acervo Mário de Andrade**. Tese de Doutorado. São Paulo: ECA/USP, 2002.

COX, M. **Desenho da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DARRAS, B. **Au commencement était l'image- dudessin de l'enfant à la communication de l'adulte**. Paris: ESF éditeur, 1996.

_____. **A modelização semio-cognitiva confrontada com os resultados da neurociência**. Texto publicado em: *Recherches en communication*, Paris, França, n.19, 2003. p 175 –199. Tradução: Maria Lucia Batezat Duarte.

DUARTE, M. L. B. **O desenho do pré-adolescente: características e tipificação: dos aspectos gráficos à significação no desenho de narrativa**. Tese de Doutorado. São Paulo: ECA/USP, 1995.

GOMES, E. T. A. Natureza e cultura- representações na paisagem. In: CORREA, R.L.; ROSENDHAL, Z (orgs). **Paisagem, imaginário e espaço**. EDUERJ: Rio de Janeiro, 2001.

GOMES, P. B. M. B. **A formação de visualidade, imaginário e estereótipos.** Revista da Fundarte: Ano II, Volume II, nº 04, julho a dezembro/2002, p. 32-40.

LUQUET, G. H. (1927) **O desenho infantil.** Porto: Ed. do Minho, 1969.

QUEIROZ, M. I. P. **Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil.** São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

SERPA, A. A paisagem periférica. In: YÁZIGI, E. **Turismo e paisagem.** São Paulo: Contexto, 2002.

VIANNA, M. L. R. **Desenhando com todos os lados do cérebro: possibilidades para transformação das imagens escolares.** Curitiba: Ibpex, 2010.

WILSON, B.; WILSON, M. **Teaching children to draw: a guide for teacher and parents.** New Jersey: Prentice-Hall, 1982.

_____. Uma visão iconoclasta das fontes de imagem nos desenhos de criança. In: BARBOSA, A. M. **Arte-educação: leitura no subsolo.** São Paulo: Editora Cortez, 1997.

Camilla Carpanezi La Pastina

Mestre em Artes Visuais (UDESC), especialista em Educação Infantil (UTP), bacharel em Pintura (EMBAP), licenciada em Educação Artística (FAP). Atualmente é professora do curso de Artes Visuais da Universidade Tuiuti do Paraná e professora de Arte no Ensino Fundamental da Escola Trilhas (Curitiba, PR).